

AÇÃO EDUCATIVA NAS PRÁTICAS DO PROGRAMA PRESERVAÇÃO DO PATRIÔNIO CULTURAL DA REGIÃO DO ANGLO

BOITA, Tony W.¹; MOREIRA, Heron²; SANTOS, Mateus Sinnot dos³; SCHIMITZ, Diego⁴; LEAL, Noris Mara Pacheco⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas; ² Universidade Federal de Pelotas, ³ Universidade Federal de Pelotas; ⁴ Universidade Federal de Pelotas, ⁵ Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Museologia, Conservação e Restauro/ ICH. Email: norismara@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O núcleo de ação educativa é uma das linhas de ação do Programa PROEXT “Preservação do patrimônio cultural da região do Anglo”¹, que busca a aproximação e interação Programa/Comunidade, através de atividades de formação voltadas á educação.

A iniciativa do Programa surge a pedido de moradores da região, interessados em ter sua memória preservada. Desta forma, buscamos incentivar a valorização e preservação do patrimônio da região adjacente ao campus universitário Anglo², que vê ao seu redor a transformação da sua paisagem e de sua realidade com a inserção do campus, reduto acadêmico que muda o cenário local, afetando sua cultura e seu patrimônio, criando uma provável zona de conflito entre um local dedicado a educação formal e uma população em situação de vulnerabilidade social, descaracterizando a vivência destes bairros.

No Brasil, a Museologia tornou-se uma área interdisciplinar. Atualmente o debate metodológico acerca das ações museais reflete em sua cadeia operatória de musealização³ que está preocupada em salvaguardar através da aquisição, documentação e conservação, bem como, em comunicar ao público através de exposições e as práticas de ação educativa e suas práticas não formais. No entanto, para este trabalho, em primeiro momento, serão observadas as práticas informais utilizadas para a continuação do processo em integrar e compor a memória da comunidade da região do Anglo. Para tal, é importante frisar que esta proposta de ação educativa, se caracteriza como um processo horizontal de aprendizagem social, cultural, dinâmica e transformadora.

Educação Formal x Educação Não-Formal

Podemos definir como educação formal as práticas cotidianas, obrigatórias e rotineiras. Com o intuito de disponibilizar o conhecimento ao educando sem luz.

¹ Projeto aprovado pelo Edital 06/2011 – PROEXT, Ministério da Educação, proposta da Professora Noris Leal, ICH/UFPEL.

² O Campus Anglo, da Universidade Federal de Pelotas, recebeu este nome por estar sediado no Prédio onde funcionou até os anos 90, um frigorífico denominado com o nome supracitado, fechado por falência e adquirido pela UFPEL

³ Conceito utilizado por Cristina Bruno “conjunto de procedimentos de salvaguarda e comunicação dos acervos, coleções referenciais culturais que contextualiza e amplia os processos museológicos” (2001, p.1)

Espacialmente a formalidade está presa em quatro paredes e através de um discurso vertical o ensino é imposto. Trata-se do ensino obrigatório, que é necessário, e não pode ser substituído pela educação não formal. Esta por sua vez opõe-se a formalidade, através da liberdade, de interpretação, de transformação de ver, conhecer e transformar o mundo. Nesta metodologia o educando torna-se o protagonista social, onde o seu conhecimento, seus modos de fazer, sua cosmologia, são compartilhados através do diálogo horizontalizado. Também ressaltamos a possibilidade de incentivo, do fortalecimento da motivação que impulsiona a transformação social.

“A educação não-formal se caracteriza pelos seguintes elementos: programas menos centralizados e estruturados; conteúdo centrado em tarefas ou habilidades aplicáveis a situações diárias; tempo orientado para o curto-prazo (presente); gratificação ou retorno de longo alcance; possibilidade de ocorrer em lugares diversificados; métodos diferenciados (menos baseados no professor e na sala de aula); participação possível de todas as faixas etárias e quebra dos estigmas geralmente atribuídos a quem ‘falha’ no processo”.⁴

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Como forma de estrutura para a ação educativa optou-se inicialmente pela realização de oficinas, tendo como público os adolescentes.

A primeira oficina foi realizada dia maio de 2012, na área do estacionamento do *Campus* Anglo, com um grupo⁵ de Capoeira da Central Única de Favelas⁶ –CUFA Pelotas-, tendo como tema fotografia na lata ou *pinhole*⁷ ⁸. A intenção era trazer os olhares dos moradores, através da fotografia, buscando contextualizar as questões patrimoniais e estabelecer as paisagens ou locais que são referentes como signos da cultura destes bairros.

De forma prática as ministrantes repassaram os conceitos em relação à fotografia, tanto digital quanto manual, e elucidaram o processo e os materiais utilizados para captar as imagens e utilizados após, para a revelação.

Como segunda proposta, ainda não realizada, tem o objetivo desenvolver ação educativa a partir dos princípios básicos de desenho de observação e criação de histórias em quadrinhos, sendo ambas as técnicas

⁴ BOITA, CÂNDIDO, 2010. P.03

⁵ O grupo foi composto por Maira das Neves Borges; Nataniele Silva de Moraes; Bruna Rodrigues Barbosa; Amanda dos Santos Felix; Gabriela Rodrigues Barbosa; Jonathan Lemos Soares; Matheus Pires Costa; João Paulo Gonçalves dos Santos; Jeferson Ferreira de Moura; Italo Santana Neves Matheus Silva Vieira, ambos estudantes de ensino médio da rede pública. Os participantes da oficina frequentam o grupo de capoeira no período inverso da escola.

⁶ Entidade que trabalha com as questões sociais e políticas das periferias de Pelotas e região.

⁷ “*Pinhole* (‘buraco de alfinete’, na tradução literal) é o nome dado para estas capturas de imagens feitas em uma lata com um furo. Catálogo Grupo Olhos de Lata.

⁸ Ministrantes da oficina: Graziela Gomes, Luísa Planella e Juliana Charnaud. Fazem parte do grupo “Olhos de Lata”.

utilizadas como instrumento para elaboração e identificação do universo vivenciado pelos mesmos.

A ação educativa é pautada na necessidade de tornar a prática museológica e o processo de formação do museu, passíveis de usufruto, de forma a contemplar os interesses da comunidade e tornar a população partícipe desta ação, para que da própria comunidade emane essa consciência coletiva do patrimônio e que dela se nutra. Como afirma Maria Célia T. Moura Santos sobre as principais preocupações na aproximação museu/comunidade,

Portanto, considero que o trabalho dos museus com a comunidade, ou seja: com os grupos com os quais estejamos realizando projetos, construindo na troca, no respeito mútuo, é o resultado das concepções de Museu e de Museologia que adotamos. Pesquisa, preservação e comunicação, em interação, questionadas e problematizadas, deverão ser, pois, os vetores no sentido de se produzir conhecimento, assumindo o compromisso de contribuir com a construção de uma sociedade ética, mais eqüitativa e solidária.⁹

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina traz em si dois pontos importantes: 1) a função social que está nas premissas do projeto e em toda a ação de cunho museológico e 2) o conjunto de fotografias gerados pela oficina que serão utilizados para o Inventário Participativo do patrimônio material e imaterial da região do Anglo.

A função social do museu assenta-se na relação entre homem/objeto/cenário¹⁰, ou seja, sem estas três competências não há dialogicidade, tornando o museu, neste caso o objeto de estudo, apenas vitrine de itens e fazeres da comunidade e na maioria das vezes representando o patrimônio sem preservar os agentes dessas memórias, saberes e fazeres.

Desta forma temos os adolescentes como sujeitos, que através da ação educativa, revelam sua visão a respeito do bairro e assim propiciam a valorização do patrimônio e contribuem para a conscientização do patrimônio como vetor comum dessa comunidade, tornando-os partícipes da construção social e cultural ali encontrada.

O inventário participativo se propõe a chamar a comunidade para discutir e se pronunciar a partir do seu ponto de vista em relação aos seus bens materiais e imateriais. Neste contexto o conjunto de 30 fotografias refletiram em imagens dos participantes, da paisagem, do bairro da Balsa, bem como, alguns aspectos presentes nos locais visitados nas imediações do Anglo. Desta forma, o inventário participativo se formará a partir da comunidade. Seus locais, suas histórias de vida e suas relações com seu patrimônio.

A partir deste apanhado está sendo planejada uma exposição museológica itinerante, que apresentará as fotografias da oficina para a comunidade do bairro, em conjunto com as fotografias geradas pelos bolsistas do projeto em visita de campo à área de abrangência do projeto.

⁹ SANTOS, 2011.

¹⁰ RUSSIO, 1989. p,90;

4 CONCLUSÃO

Com isso podemos concluir que a condução do trabalho atingiu seu objetivo através de uma metodologia que atraiu a atenção do público (adolescentes) e teve êxito ao relacionar a atividade com a construção do discurso do projeto.

As fotos são objetos bidimensionais que carregam em si um cenário retratado e a intenção do fotógrafo, indicando algum vínculo com os potenciais bens a serem patrimonializados e de forma mais reflexiva tem-se indícios da relação de pertencimento individual e coletiva em relação à comunidade e seu espaço.

5 REFERÊNCIAS

BOITA, Tony W. CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. A Rede de Educadores em Museus de Goiás. **Anais do 20º Congresso da Federação dos Arte Educadores do Brasil**, Goiânia, v.1, n.1. p.01-07, 2010.

BRUNO, Cristina. Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Sejepe. Apostila da Disciplina: Musealização da Arqueologia de Xingó. Período: 21 a 26 de outubro de 2001.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Museu, **Museologia, Museólogos e Formação**. Revista de Museologia, São Paulo, v. 1, ano 1, 1989.

O ICOM - Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro. Org. Cristina de Oliveira Bruno. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo, 2010.

SANTOS, Maria Célia T. Moura Santos. Museus e Comunidade: Uma Relação Necessária. **Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários**. Disponível em: <http://www.abremc.com.br/artigos1.asp?id=11> . acesso em 19/07/2012

